

# A Espiritualidade interpretada pelas ciências e pela saúde

## Spirituality interpreted by sciences and health

## La espiritualidad interpretada por las ciencias y la salud

Leo Pessini\*

**RESUMO:** O presente estudo objetiva apresentar algumas das preocupações que estudiosos contemporâneos analisam em torno da questão da espiritualidade, saúde e conhecimento científico e religião. Nesta perspectiva inicialmente aborda-se uma visão de espiritualidade, seguida de uma apresentação crítica da neuroteologia. Posteriormente considera-se a relação entre ciência e religião tendo como referência algumas pesquisas de renomados investigadores da área. Destaca-se a seguir a posição de harmonia entre conhecimento científico e religioso de Francis Collins, o Diretor do Projeto Genoma Humano. Finaliza-se apresentando as pesquisas em curso hoje nos laboratórios que tentam provar que "acreditar" faz bem para a saúde (espiritualidade de evidência).

**PALAVRAS-CHAVE:** Espiritualidade-ciência. Saúde-religião. Ética-religião.

**ABSTRACT:** This study aims to present some of the concerns contemporary scholars analyze about the question of spirituality, health and scientific knowledge and religion. In this perspective one initially presents a view of spirituality, followed by a critical presentation of neurotheology. We then consider the relationship between science and religion having as reference some research of famous investigators of the area. Next we emphasize the position of harmony between scientific and religious knowledge of Francis Collins, the Director of Human Genome Project. We also present research in course in laboratories that try to prove that "to believe" is good for health (spirituality of evidence).

**KEYWORDS:** Spirituality-science. Health-religion. Ethics-religion.

**RESUMEN:** Este estudio presenta algunas de las preocupaciones que los eruditos contemporâneos analizan sobre la cuestión de la espiritualidad, salud y conocimiento científico y religión. En esta perspectiva se presenta inicialmente una concepción de la espiritualidad, seguida por una presentación crítica de la neuroteología. Entonces consideramos la relación entre la ciencia y la religión que tiene como referencia cierta investigación de famosos investigadores del área. Acentuamos después la posición de armonía entre el conocimiento científico y religioso de Francis Collins, el director del Proyecto del Genoma Humano. También presentamos investigaciones en curso en los laboratorios que intentan probar que "creer" es bueno para la salud (espiritualidad de la evidencia).

**PALABRAS LLAVE:** Espiritualidad-ciencias. Salud-religión. Ética-religión.

A discussão e o interesse existencial em torno das questões de espiritualidade ligada à saúde, a um viver saudável e feliz, tendo como parceiro o conhecimento científico, estão na ordem do dia. Não importa se esta espiritualidade não tem nenhuma referência ao mundo transcendente.

Este trabalho, ainda que de forma rudimentar e introdutória, tem o objetivo de elaborar um rápido *check up* do que está acontecendo na contemporaneidade nesta relação entre ciência, crença e saúde. Para isto, nos servimos de publicações de matérias especiais nacionais

e internacionais e de entrevistas com cientistas e pesquisadores publicadas na imprensa brasileira.

Nesta perspectiva, no primeiro momento, apresentamos uma visão muito difundida de espiritualidade formatada na contemporaneidade relacionada à natureza e à busca de um sentido ou significado de vida, não necessariamente vinculada a um ser superior (I). A seguir, fazemos uma rápida incursão a respeito da neuroteologia (II). Avançamos discorrendo sobre a questão do conhecimento científico e religioso tomando como base autores contemporâneos re-

presentativos, que estudam esta temática, a partir de suas práticas científicas no âmbito da biologia, bioquímica ou neurofilosofia (III). Destacamos em especial, o posicionamento do biólogo norte-americano, Diretor do Projeto Genoma Humano, Francis S. Collins, resgatando a visão e os fundamentos de um cientista que se assume como "religioso", fato até recentemente considerado impossível de ocorrer no âmbito da academia (IV). A seguir, associamos nossa reflexão à busca da saúde. Inúmeras pesquisas hoje estão sendo desenvolvidas no sentido de provar que a crença, o

\* Teólogo. Doutor em Teologia Moral – Bioética. Superintendente da União Social Camiliana. Vice-reitor do Centro Universitário São Camilo. Membro da Diretoria da Associação Internacional de Bioética. Editor-chefe. E-mail: pessini@scamilo.edu.br

cultivo de uma fé e a participação em uma comunidade, fazem bem para a saúde e ajudam as pessoas a viverem mais, ou seja, ressalta-se a fé como um fator de saúde.

### Uma visão contemporânea de espiritualidade

Tendo em vista as sinalizações da atualidade, a temática espiritualidade vindo sendo alvo de interesse junto a diversos segmentos da sociedade; desperta um verdadeiro *glamour*, especialmente as espiritualidades de cunho oriental: dentre outras, o budismo, nas suas variantes, e o hinduísmo. Constata-se que o cristianismo institucionalizado do ocidente perdeu significativamente o interesse para muita gente. Se freqüentarmos livrarias, identificaremos que são diversas as ofertas de espiritualidade no amplo e sedutor supermercado das religiões. Analisemos sem julgar ou moralizar uma perspectiva difundida hoje, principalmente nos meios mais cultos e intelectuais.

No livro *Espiritualidade para céticos: paixão, verdade cósmica e racionalidade no século XXI* (2003), o filósofo norte-americano Robert C. Solomon, logo no prefácio, confessa que nunca entendeu a espiritualidade. Ou melhor, nunca lhe deu muita atenção. Quando o assunto era discutido, desculpava-se para se afastar. Diz que não foi educado para ser religioso, mas para ser “moral” na linha do humanismo secular. Diz textualmente “*Crescer como uma das raras crianças de filiação judaica (ainda que nominal) numa comunidade esmagadoramente protestante significou que a religião sempre me apareceu como uma ameaça*”. Olhando para trás, percebeu que estava confundindo espiritualidade e religião, e com o pior da religião, e rejeitando as duas por força de medos e preconceitos que carregara desde a infância. Mostra-se crítico

em relação às atitudes hipócritas e sectárias dos religiosos, que olham com desprezo, para quem não aceita as mesmas crenças e tradição religiosas que eles. Indícios existem para se afirmar que a intolerância mística de cunho terrorista ganhou maior força ainda com os atentados às torres gêmeas de Nova York, em 11 de setembro de 2001. Foi, sem dúvida, um atentado terrorista alimentado por um combustível místico de alta combustão, de cunho fundamentalista islâmico.

Por outro lado, Solomon (2003) desdenha o que ele denomina de “banalidades irrefletidas da nova consciência” que se faz passar por espiritualidade não-sectária, tais como a crença no poder das pirâmides, do Feng Shui, à mediunidade. Diz ele: “[...] *entre minha aversão por hipocrisia moralista e meu desdém por banalidades insensatas da Nova Era, rejeitei erroneamente o que agora vejo ser uma dimensão essencial da vida. A espiritualidade pode ser separada tanto do sectarismo vicioso quanto de banalidades irrefletidas. A espiritualidade cheguei a compreender, é nada menos que o amor bem pensado à vida*”. A razão de escrever a obra em questão é de atribuir “[...] *um sentido não-religioso, não-institucional, não-teológico, não baseado em escrituras, não-exclusivo da espiritualidade, um sentido que não seja farisaico, que não se baseie em crença, que não seja dogmático, que não seja anti-ciência, que não seja místico, que não seja acrítico, carola ou pervertido*” (Solomon, 2003, p. 18-19). Diz o que busca: “[...] *uma espiritualidade naturalizada de que sempre tive um vislumbre, e é isso que quero perseguir neste livro*” (Solomon, 2003, p. 24).

Ao definir espiritualidade naturalizada, evoca dois exemplos. O primeiro em relação à música, que nos arrebatava. O essencial é que a música nos tira de nós mesmos, dizia o filósofo Schopenhauer. Permite-nos escapar de nossos temores

e desejos. Transporta-nos para um universo maior e forja uma comunhão entre nós. O segundo exemplo é a natureza. Quer vejamos o mundo como criação de Deus, ou como um mistério secular que a ciência está tratando de entender, não há como negar a beleza e a majestade de tudo, de cadeias de montanhas, desertos e florestas. Prestemos atenção ou não, a Natureza, sem ser convidada, se impõe a nós, por meio de sua força assombrosa de um furacão ou de um terremoto, curiosamente denominados por advogados ateus como “atos de Deus”. O lugar para procurar a espiritualidade é aqui mesmo, em nossas vidas e em nosso mundo, não alhures. Há também espiritualidade em nosso senso de humanidade e camaradagem, em nosso senso de família (...) e ela pode ser encontrada nas melhores amizades. Mais perto do coração, a espiritualidade pode ser encontrada em nossas paixões mais nobres, em particular no amor.

Sem fazer referência a um ser superior, “Deus” ou “Espírito Superior”, Solomon defende uma espiritualidade naturalizada e tenta fazer uma jornada pessoal de redescoberta através da filosofia.

Numa outra perspectiva, estudiosos como Hardwig (2000) abordam a dimensão espiritual e a espiritualidade como “*referindo-se a preocupações em relação ao significado e valores fundamentais da vida*”. Espiritual não implica qualquer crença num ser supremo, ou numa vida depois desta. Espiritual, então, não significa religioso e os que se denominam ateus também têm preocupações espirituais como qualquer outra pessoa. Também William Breitbart (2005) conhecido psiquiatra norte-americano, pesquisador na área de cuidados paliativos, e profundo conhecedor da obra de Victor Frankl e seus conceitos de logoterapia e psicoterapia baseadas

no sentido, que procura aplicar no cuidado aos pacientes em fase terminal, define espiritualidade “[...] como aquilo que permite que uma pessoa vivencie um sentido transcendente na vida. Trata-se de uma construção que envolve conceitos de ‘fé’ e/ou ‘sentido’”. A fé é descrita “como uma crença numa força transcendente superior, não identificada diretamente com Deus, nem vinculada necessariamente com a participação nos rituais ou crenças de uma religião organizada específica; essa fé pode identificar tal força como externa à psique humana ou internalizada; é o relacionamento e a ligação com essa força, ou esse espírito, que é o componente essencial da experiência espiritual, estando vinculados com o conceito de sentido. O sentido envolve a convicção de que se está realizando um papel e um propósito inalienáveis numa vida que é um dom, uma vida que traz consigo a responsabilidade de realizar o pleno potencial que se tem como ser humano, e, ao fazê-lo, ser capaz de alcançar um sentido de paz, alegria ou mesmo transcendência por meio do vínculo com alguma coisa maior do que o próprio eu” (Breitbart, 2003, p. 41). Na perspectiva deste autor, a espiritualidade é uma construção formada por fé e sentido. O elemento “fé” está frequentemente associado à religião e às crenças religiosas, ao passo que o componente “sentido” parece ser um conceito mais universal, que pode existir tanto em pessoas que seguem uma determinada religião como nas que não têm nenhuma referência religiosa.

Ainda segundo Breitbart (2003) entre as principais contribuições de Victor Frankl, temos a conscientização da importância da dimensão espiritual da experiência humana e o componente central do sentido como força motriz ou instinto da psicologia humana. Na qualidade de psiquiatra que sobreviveu ao holocausto em Auschwitz, Frankl se tornou uma notoriedade mundial. Alguns de seus conceitos básicos

são: 1) *sentido da vida* — a vida é um dom e tem sentido e nunca cessa de ter, mesmo no último momento; ele pode se alterar nesse momento mas não desaparece; 2) *vontade de sentido* — o desejo de descobrir sentido na existência humana; 3) *liberdade da vontade* — ter a liberdade de descobrir sentido na existência e escolher uma atitude diante do sofrimento; 4) *o sentido na vida* — centra-se em três principais fontes: a criatividade, a experiência e a atitude Frankl afirmava com destaque para três problemas existenciais inevitáveis: o sofrimento, a morte e a culpa (Breitbart, 2003, p. 51-52).

A seguir apresentamos a mais nova linha de especulação em termos de avanços do conhecimento do cérebro humano, a “neuroteologia”.

### Em torno das especulações da neuroteologia

Na reportagem de capa de uma das mais importantes revistas internacionais, a Newsweek, lê-se: *Deus no seu cérebro. A ciência dispensa a religião? — God in your Brain. Does Science Make Religion Unnecessary?* (Begley, 2001). Neste novo campo do conhecimento, denominado neuroteologia, os cientistas buscam as bases biológicas da espiritualidade. Então a idéia de Deus estaria em nossas cabeças como uma criação de nosso cérebro? Mistério dificilmente decifrável no âmbito do circuito racional humano. Nesta mesma matéria especial, publica-se um texto crítico à neuroteologia: *A fé é mais que um sentimento (Faith is More than a Feeling)*, de autoria de Woodward (2001). Diz o autor que a neuroteologia confunde as experiências espirituais de algumas pessoas que crêem. Estamos procedendo a novas descobertas sobre os circuitos do cérebro, talvez, mas nada novo sobre Deus. O maior erro destes “neuroteólogos”, segundo Woodward é identificar

religião com específicas experiências e sentimentos e confundindo espiritualidade com religião. “Seria difícil imaginar um crente em meio a uma experiência mística, dizendo para si próprio que tudo não passa de uma atividade de seus circuitos neuronais. A ciência não lida com o imaterial (embora alguns aspectos da física moderna se aproximem). O mais longe que os neurobiologistas poderão ir será fazer uma correlação entre determinadas experiências com certas atividades cerebrais. Sugerir que o cérebro é a única fonte de nossas experiências seria reducionismo, ignorando a influência de outros fatores importantes, tais como a vontade, ambiente externo, sem esquecer a graça divina” (Woodward, 2001).

Perguntamo-nos se a chamada neuroteologia não passa de uma nova forma refinada de reducionismo materialista. Com os progressos e pesquisas na área da genética e achados em torno do genoma, numa verdadeira caça aos genes, na busca de descobrir suas funções específicas, por exemplo, ouve-se falar se não poderemos identificar o “gene da fé”? Uma pesquisa realizada pelo biólogo molecular americano Dean Hamer, publicada em seu livro *The God Gene: How Faith is Hardwired into Our Genes* (O Gene de Deus: como a Fé está embutida em nossos genes), afirma ter encontrado no ser humano o gene responsável pela espiritualidade. Esse gene teria a função de produzir neurotransmissores que regulam o temperamento e o ânimo das pessoas. Os sentimentos mais profundos de espiritualidade seriam resultado de uma descarga de elementos químicos cerebrais controlados por nosso DNA (Souza, 2006, p. 80).

Não resta dúvida que aqui estamos entrando numa área de interação entre dois mundos distintos, o científico e o religioso.

Vejam os a seguir como alguns autores contemporâneos pesqui-

sadores no âmbito da biologia e bioquímica refletem esta questão, desde a negação da religião e afirmação somente da ciência, até os que vão defender uma aproximação respeitosa, e por que não até uma harmonia de convivência.

### Entre ciência e religião: alimentar o antagonismo? reforçar a reconciliação? ou construir uma Aliança?

Para muita gente, ainda hoje, ciência e religião estão em guerra. Num interessante artigo intitulado “conciliando ciência e religião”, Marcelo Gleiser, cientista professor de física que trabalha nos EUA (Dartmouth College, Hanover), bastante conhecido no Brasil, afirma “[...] acho extremamente ingênuo imaginar ser possível um mundo sem religião. Ingênuo e desnecessário. A função da ciência não é tirar Deus das pessoas. É oferecer uma descrição do mundo natural cada vez mais completa, baseada em experimentos e observações que podem ser repetidos ou ao menos constatados por vários grupos. Com isso, a ciência contribui para aliviar o sofrimento humano, seja ele material ou de caráter metafísico” (Gleiser, 2006, p. 9).

É importante distinguir o âmbito de cada uma. “Enquanto a religião adota uma realidade sobrenatural coexistente e capaz de interferir com a realidade natural, a ciência aceita apenas uma realidade, a natural. Aqui aparece a razão principal do conflito entre as duas. Para a ciência, não é preciso supor que o que ainda não é acessível ao conhecimento necessita de explicação sobrenatural. A ciência abraça a ignorância, o não-saber, como parte necessária de nossa existência, sem lançar mão de causas sobrenaturais para explicar o desconhecido”. Só podemos falar em conciliação entre ciência e religião, segundo Gleiser, “quando ficar claro

o papel social de cada uma. Negar uma ou outra é ignorar que o homem é tanto um ser espiritual quanto racional” (Gleiser, 2006, p. 9).

O biólogo norte-americano David Sloan Wilson, da Universidade de Binghamton, autor do livro *A Catedral de Darwin: evolução, religião e a natureza da sociedade* (versão em inglês), ao ser perguntado se num mundo sempre mais explicado pelos olhos da ciência existe espaço para a fé, responde que “Evolucionismo e religião não podem mais ocupar lados opostos do pensamento humano. Sempre haverá espaço para a fé, e ela não está necessariamente limitada à religião. Há muita fé na ciência. Eu, por exemplo, não entendo muito bem a teoria da relatividade de Einstein, mas acredito nela.”

“[...] quando se pensa na enorme quantidade de descobertas científicas das últimas décadas, conclui-se que os cientistas, de todas as áreas, precisam ter fé nas teorias uns dos outros para seguir pesquisando” (Sloan Wilson, 2007, p. 85).

Embora declarado pessoalmente como “ateu, mas um bom ateu. Como os fiéis, também quero paz e um mundo melhor”, David Sloan Wilson afirma que “se um evolucionista quer descobrir mais sobre a nossa espécie, precisa levar em conta a ubiqüidade da religião, uma de suas características marcantes. Por outro lado, quem está interessado em estudar uma religião tem de levar em conta a evolução, para não ser enganado pelos fatos da vida” (Sloan Wilson, 2007, p. 85).

Nos EUA, afirma-se que somente 3% dos cientistas mais respeitados, os que estão ligados à *National Academy of Sciences*, acreditam em Deus. Temos novos apóstolos fervorosos do ateísmo contemporâneo, biólogos, como o inglês Richard Dawkins, e neurofilósofos, como o americano Daniel C. Dennett, que escrevem livros e artigos (amplamente divulgados pela im-

prensa brasileira) tentando desqualificar a religião como um mal que anestesia as sociedades e as priva das virtudes da razão. Os religiosos conservadores norte-americanos dão a resposta ao defender que nas escolas públicas norte-americanas se deixe de ensinar as teorias de Darwin (evolucionismo) e se substitua pelos ensinamentos da Bíblia (criacionismo).

Dennett trata a religião como um fenômeno natural, não condena quem tem crença religiosa, mas afirma que quando se trata de explicar a natureza, “os preceitos cristãos são incompatíveis com a ciência contemporânea. Não existe nenhuma maneira intelectualmente honesta de ciência e religião coexistirem” (Piza, 2006, p. D7). Defendendo uma posição muito mais radical de materialismo e ateísmo, temos o biólogo inglês Richard Dawkins, autor da publicação *The God Delusion* (A desilusão de Deus). Esta publicação sairá no Brasil ainda este ano pela Editora Companhia das Letras. Nesta obra, Dawkins compara a religiosidade na Europa e nos EUA. Em entrevista ao jornalista Clive Cookson (*Financial Times*), diz que não quer apenas incomodar as pessoas, mas mudar suas mentes. Os leitores que começarem o livro religiosos serão ateus quando o terminarem. Num tom irônico e jocoso, com mais realismo, admite: “Não vou mudar as mentes de muitos carolas empedernidos” (Cookson, 2007).

Outros cientistas apresentam uma realidade mais serena nesta questão de ciência e fé, a partir de suas convicções científicas. Temos como exemplo Píer Luigi Luisi, bioquímico Italiano da Universidade de Roma, e um dos maiores estudiosos da origem da vida, tanto pelo aspecto científico quanto cultural e religioso. Ele não tem dúvidas de que a vida é um fenômeno puramente físico-químico, resultado

de uma combinação afortunada de moléculas ocorrida 3,5 bilhões de anos atrás. Ainda assim, não acredita que seja possível provar a inexistência de Deus. “Sempre haverá a questão de quem fez as moléculas, e por que existe algo em vez de não existir nada. São questões que não podem ser solucionadas pela ciência. Você pode sempre colocar Deus no estágio da criação” (Escobar, 2006, A-28). Questionado a propósito de sua fé, se acredita em Deus, ele diz “não creditar em Deus no sentido tradicional da religião. Desde criança eu sempre questioneei o seguinte: tudo bem, mas quem foi que fez Deus? A idéia é de que Deus seria uma *prima causa*. Mas algo não pode ser criado do nada, e se você não tem nada, você não tem nem mesmo a *prima causa* para criar alguma coisa”. Avançando na reflexão, afirma que “o dilema sobre Deus não pode ser solucionado com lógica. A fé é algo sobre o qual não se decide, ou você tem ou você não tem. E eu não tenho. O que não significa que eu não esteja em busca de respostas para perguntas como “quem sou eu?” ou “qual é o significado da vida?”. Ao ser perguntado se existe algo sobre a origem e evolução da vida que a ciência não explica, levando-se em conta também que os defensores da teoria do “*Intelligent Design*” dizem que a vida é algo tão complexo que só poderia ter sido criado por uma inteligência superior [...]” Afirma ainda que muitas coisas ainda não compreendemos e exemplifica com a consciência. “[...] estamos no processo de tentar explicar, mantendo a mente aberta. Há muitas coisas que a ciência não consegue explicar”. (Escobar, 2006, A-28).

A seguir apresentamos um cientista que se define como religioso e que, na questão religião e ciência, mais do que ver antagonismo, propõe uma convivência harmoniosa.

### Francis S. Collins: dois mundos distintos, o espiritual e o científico, unidos

Numa rota reflexiva bem diferente dos cientistas supracitados, temos também aqueles que não vêem contradição entre a prática de uma fé com sua atividade de cientista. Em outras palavras, pode-se ser um bom cientista e ao mesmo tempo acreditar em Deus. Um exemplo maiúsculo é o Diretor do Projeto Genoma Humano, Francis S. Collins, que assume ser cristão convertido e que acaba de lançar nos EUA a obra *The Language of God: a scientist Presents evidence for belief*, que está traduzida para o português no Brasil, com o título: *A linguagem de Deus: um cientista apresenta evidências de que Ele existe* (Collins, 2007). De uma forma lúcida e até testemunhal, mas sem perder o rigor típico do pesquisador, tem por objetivo, como ele enfatiza: “*Explorar uma trilha rumo a uma integração sóbria e intelectualmente honesta, seja da perspectiva científica quanto da religiosa*” e, argumenta que “*a crença em Deus pode ser uma opção completamente racional e que os princípios da fé são, na verdade, complementares aos da ciência*”. O autor apresenta, na primeira parte, a sua trajetória pessoal do ateísmo à crença; a seguir, fala das grandes questões da existência humana (as origens do universo, decifrando o manual de instruções de Deus: as lições do genoma humano); e, finalmente, na terceira parte, fala da “*Fé na ciência, fé em Deus, discutindo o Gênesis, Galileu e Darwin*”. A seguir, apresenta quatro alternativas: 1: ateísmo e agnosticismo; 2: criacionismo; 3: design inteligente; 4: biologia.

Apresentamos alguns destaques de seus pensamentos, que nos questionam pela sua objetividade e serenidade. “Eis aqui a pergunta central deste livro: nesta era mo-

derna de cosmologia, evolução e genoma humano, será que ainda existe a possibilidade de uma harmonia satisfatória entre as visões de mundo científica e espiritual? Eu respondo com um sonoro *sim!* “*Em minha opinião, não há conflito entre ser um cientista que age com severidade e uma pessoa que crê num deus que tem interesse pessoal em cada um de nós. O domínio da ciência está em explorar a natureza. O domínio de Deus encontra-se no mundo espiritual, um campo que não é possível esquadriñar com os instrumentos e a linguagem da ciência; deve ser examinado com o coração, com a mente e com a alma – e a mente deve encontrar uma forma de abraçar ambos os campos*” (Collins, 2007, p. 14).

Afirma Collins (2007) que “a ciência é a única forma confiável para entender o mundo da natureza, e as ferramentas científicas, quando utilizadas de maneira adequada, podem gerar profundos discernimentos na existência material. A ciência, entretanto, é incapaz de responder a questões como: “por que o universo existe?”; “qual o sentido da existência humana?”; “o que acontece após a morte?”. Uma das necessidades mais fortes da humanidade é encontrar respostas para as questões mais profundas, e temos de apanhar todo o poder de ambas as perspectivas, a científica e a religiosa, para buscar a compreensão tanto daquilo que vemos como do que não vemos” (Collins, 2007, p. 14-15).

No início deste novo milênio, finalmente se chegou ao final da pesquisa da descoberta do primeiro rascunho do genoma humano, ou seja, nosso manual de instruções ficava pronto. O Presidente Clinton, na cerimônia comemorativa do feito, falava para o mundo inteiro “do mapa mais importante e mais extraordinário já produzido pela humanidade”. No entanto, segundo Collins, a parte de seu discurso que

mais chamou atenção do público saltou da perspectiva científica para a teológica, espiritual.

*“Hoje — disse Clinton — estamos aprendendo a decifrar a linguagem com a qual Deus criou a vida. Ficamos ainda mais admirados pela complexidade, pela beleza e pela maravilha da dádiva mais divina e mais sagrada de Deus”* (Collins, 2007, p. 10).

O discurso de Clinton foi cuidadosamente preparado por Collins, junto com o redator do discurso do presidente. No seu discurso, Collins assim se expressa: *“É um dia feliz para o mundo. Para mim não há pretensão nenhuma e chego mesmo a ficar pasmo ao perceber que apanhamos o primeiro traçado de nosso manual de instruções, anteriormente conhecido apenas por Deus”* (Collins, 2007, p. 11).

Interessante registrar alguns dos questionamentos de Collins: “O que se passava lá? Por que um presidente e um cientista, no comando do anúncio de um marco da Biologia e da Medicina, se sentiram impelidos a evocar uma conexão com Deus? Não existe um antagonismo entre as visões de mundo científica e espiritual? Ambas não deveriam, ao mesmo, evitar aparecer lado a lado no Salão Leste? Quais os motivos para evocar Deus nesses dois discursos? Poesia? Hipocrisia? Uma tentativa cínica de bajular as pessoas religiosas ou de desarmar as que talvez criticassem o estudo do genoma humano como se este reduzisse a humanidade a um maquinário?”

Não, nada disso, muito pelo contrário. Para Collins “a experiência de mapear a seqüência do genoma humano e descobrir o mais notável de todos os textos foi, ao mesmo tempo, uma realização científica excepcionalmente bela e um momento de veneração” (Collins, 2007, p. 11).

Nosso último ponto de reflexão é apresentar a tentativa de provar cientificamente por parte de cien-

tistas e pesquisadores contemporâneos de que ter fé, cultivar uma religião é um fator decisivo para se viver mais de uma forma saudável.

### Acreditar faz bem para a saúde?

Outra questão que ganha visibilidade é a relação entre *religião e saúde*. Busca-se provas científicas de que a religião, a fé e espiritualidade, fazem bem e geram bem estar. Comentamos a seguir material especial da Revista *Newsweek*, de 17 de novembro de 2003, autoria de Claudia Kalb, que traz como matéria de capa o título: *“Deus e saúde. A religião seria um bom remédio? Por quê a ciência começa a crer?”* (God & Health. Is Religion Good Medicine: Why science is Starting to Believe? (Claudia Kalb, 2003, p. 40-46).

Pergunta-se, qual é a relação entre a fé e a cura? O debate cresce, envolve cientistas, crentes e não-crentes, nos EUA inúmeras faculdades de medicina alteram o currículo de formação de seus futuros profissionais para estudar a questão e ensinar os estudantes em como lidar com os pacientes em relação à esta questão, (doença/saúde/fé/cura), além disso, aumentou muito o número de pacientes que solicitam orações a seus médicos. Segundo pesquisa feita pela revista *Newsweek*, 72% dos norte-americanos são favoráveis a dialogar com seus médicos sobre fé e o mesmo número dizem crer que rezando a Deus, pode-se curar alguém, mesmo quando a ciência afirma que determinada pessoa não tem a mínima chance de cura.

Deus que havia sido banido da prática clínica já há algum tempo, passa a ser valorizado. Isto em grande parte acontece devido ao aumento da crença dos médicos, de que o que ocorre na mente da pessoa pode ser tão importante

para a saúde, como o que ocorre no nível celular. Fazem-se investimentos científicos para “descobrir a natureza de Deus” e a importância da espiritualidade. Há cientistas que buscam caminhos éticos e meios efetivos de como combinar as crenças espirituais de seus pacientes e as suas próprias, com tratamentos de alta tecnologia. Como exemplo disso, temos o milionário Sir John Templeton que investe 30 milhões de dólares anuais em projetos científicos para “explorar a natureza de Deus”. Livros nesta área acabam sendo *best sellers*, como por exemplo “A Anatomia da esperança (*The Anatomy of Hope*), de autoria do médico Jerome Groopman, que é uma meditação sobre os efeitos do otimismo e fé sobre a saúde. O NIH (*National Institutes of Health*) tem um orçamento de 3.5 milhões de dólares para os próximos anos a serem aplicados na pesquisa em medicina da mente e do corpo (*mind/body medicine*).

Uma das obras que se tornou um *best seller* na França foi o livro “*Guérir*” (em francês), ou *The Instinct to Heal* (em inglês), de autoria do médico francês radicado nos EUA, Dr. David Servan-Schreiber, professor de psiquiatria no Centro Médico da Universidade de Pittsburgh. Esta obra foi traduzida para o português em 2004 (Servan-Schreiber, 2004). A obra é um estudo de tratamento de doenças crônicas, incluindo depressão, explorando a conexão mente e corpo. Ao ser perguntado porque escreveu o livro ele diz que *“descobriu que a maioria dos seus pacientes com problemas médicos, apresentava também problemas psiquiátricos. Isto aprofundou minha consciência da conexão mente-corpo”*. Estudos mostram que em torno de 50 a 70% de problemas de cuidados primários em saúde tem o estresse como o maior fator desencadeador. Medicação para pressão sanguínea e anti-inflama-

tórios, bem como anti-depressivos, são simplesmente paliativos para problemas interiores, lembra o Dr. Servan-Schreiber. Continua dizendo que “*Não é novidade o fato de que o amor é importante para a saúde. Mas não sabíamos até muito recentemente, que a harmonia e conexões emocionais são necessidades biológicas, que se situam praticamente no mesmo nível da alimentação, ar e controle de temperatura*”. Ao ser perguntado sobre o papel da espiritualidade e oração em relação à saúde responde: “*A espiritualidade tem um papel essencial. Mas existe espiritualidade saudável e não saudável. Se a oração produz um estado de calma, amor e senso de pertença, isso tem uma correlação física positiva em relação à saúde. Mas se a espiritualidade é moralista, não é necessariamente saudável. Existem técnicas que foram desenvolvidas que são positivas. Por exemplo, Inácio de Loyola fala de concentrar-se em gratidão na oração. Expressar gratidão pelo mundo como ele é, produz um estado físico e mental positivo, independentemente de ser um religioso ou secular. No livro de Victor Frankl “Man’s Search for Meaning” (O Homem em busca de sentido) Frankl apresenta uma mulher que está morrendo num campo de concentração. Ela pode ver folhas numa árvore através da pequena janela do seu quarto. Vendo vida, não necessariamente Deus, mas natureza, lhe traz conforto.*” (Newsweek, p. 46, entrevista concedida a Ginny Power em Paris. Cf. também David Servan-Schreiber, 2004, p. 177-192). Ao ser perguntado, o que dizer das pessoas que atribuem sua melhora no estado de saúde, porque outros rezaram por elas, o Dr. Servan-Schreiber diz que “*não sei o que dizer, pois não posso explicar a partir de nossos sistema convencional de crenças*”. Este médico pergunta como rotina de atendimento aos seus pacientes se a vida espiritual deles é um aspecto importante de sua saúde.

Periódicos científicos de reconhecida credibilidade científica, como a britânica *Lancet* e a Norte americana, *New England Journal of Medicine*, entraram na discussão da temática religião e ciência. Percebe-se dois lados antagônicos, os que negam tudo radicalmente e os que valorizam tudo em termos de fé. Alguns cientistas, como Prof. Richard Sloan, da Universidade de Columbia, num artigo para a revista *Lancet* ataca os estudos sobre a fé e cura, acusando-os de metodologia fraca e pensamento *soft*. Ele não acredita que a religião tenha um lugar na medicina e que incentivar os pacientes para práticas espirituais pode mais causar danos que bem. No entanto, de forma respeitosa o Prof. Sloan diz que os médicos devem se sentir livres para encaminhar os pacientes para os capelães hospitalares, na perspectiva de que a conversação religiosa precisa continuar. Ninguém duvida que em tempos de dificuldade, a religião traz conforto para um número grande de pessoas, diz Sloan. “*A questão é se a medicina pode acrescentar algo a isso, minha resposta é não*”, diz ele. Outros como o Dr. Harold Koenig, pioneiro na pesquisa sobre fé e medicina, da Universidade de Duke, acredita que existe uma crescente evidência que aponta para os efeitos positivos da religião sobre a saúde e que afastar a espiritualidade da clínica é uma irresponsabilidade.

O prestigioso Instituto Nacional de Saúde (NIH) dos EUA criou uma comissão específica para avaliar o estado das pesquisas em torno do tema: fé, espiritualidade e saúde, a fim de encontrar um sentido frente a excessiva produção de dados e trabalhos sobre esta questão. Muitas produções são irrelevantes, segundo Llynda H. Powell, uma pesquisadora na área de epidemiologia que revisou mais de 150 trabalhos na área de pesquisa em espirituali-

dade. Esta pesquisadora no entanto descobriu algo que a deixou estupefata. As pessoas que freqüentam Igreja têm 25% de redução em mortalidade, isto significa que elas vivem mais em relação às pessoas que não freqüentam. “*Isto é realmente poderoso*”, afirma.

Num esforço para compreender as diferenças em saúde entre crentes e não crentes, cientistas começam a estudar os componentes individuais da experiência religiosa. Escaneando o cérebro eles descobriram que a meditação pode mudar a atividade cerebral e fortalecer a resposta imunológica. Outros estudos mostraram que a meditação pode diminuir as batidas cardíacas e a pressão sanguínea, reduzindo conseqüentemente o estresse corporal.

De forma geral, os estudos sobre a oração não mostram resultados claros, e até mesmo pesquisadores que valorizam o componente religioso na vida das pessoas, duvidam que se possa testar a oração, provando resultados. Os estudos levantam questões que ninguém pode responder: Uma oração extra pode significar uma diferença entre vida e morte? A oração pode ser dosada como se dosa os remédios? Rezar mais e fervorosamente significa um melhor tratamento por parte de Deus? Certamente na mente de muitos, estas questões cheiram quase sacrilégio.

Patrick Theillier, Chefe da clínica médica em Lourdes na França, encarregado de documentar relatos de peregrinos que dizem ter sido curados no santuário, diz: “*Como médico, não posso dizer que esta cura é milagrosa. Mas como católico praticante, posso reconhecer que ela é milagrosa*”. Kenneth Pargament, um professor de psicologia na Bowling Green State University de Ohio, estudou os métodos religiosos de lidar de quase 600 pacientes com doenças que iam desde uma

gastroenterite até câncer. Aqueles que pensavam que Deus os estava punindo ou abandonando-os eram em torno de 30% mais suscetíveis de morrer nos próximos dois anos. “Lutas espirituais são sinais vermelhos e precisam ser encaradas seriamente, diz Pargament. *“Não queremos transformar a profissão médica em clero e capelães, mas tratar estas lutas isoladamente dos problemas médicos dos pacientes é miopia”*.”

Koenig(2000), diretor do Centro para o Estudo da Religião e Espiritualidade e saúde, da Universidade de Duke, lidera o movimento para uma melhor compreensão da religião do paciente e crenças espirituais no âmbito da prática médica. Ele defende que os médicos devem valorizar as histórias espirituais de qualquer paciente com o qual irão estabelecer uma relação, perguntando: *“A religião é fonte de conforto ou estresse? Você tem alguma crença religiosa que influencia no processo de decisão de sua vida?”*

Não perguntar a respeito da religião do paciente pode trazer consequências sérias, diz Dr. Susan Stangle, da Universidade da Califórnia, CLA, ao lembrar de um paciente muçulmano que necessitava de medicação, mas estava observando o Ramadan e não podia beber ou comer durante o dia. Após ouvir a história dos valores espirituais do paciente, a médica escolheu medicar uma vez ao dia após o por do sol. *“Se nós não tivéssemos conversado sobre isto, eu teria prescrito a ele medicação 4 vezes ao dia e ele simplesmente não teria tomado”*, ela diz.

Temos no horizonte de busca da cura de doenças crônicas e da “saúde perfeita”, sinais interessantes de valorização do componente fé e espiritualidade relacionado à saúde. Já lembramos que muitas faculdades de medicina nos EUA estão oferecendo cursos específicos sobre espiritualidade ou integrando o tema nos currículos. Esperamos

que isto também passe a ocorrer nas escolas médicas brasileiras que estão introduzindo a discussão sobre bioética nos seus currículos. Valoriza-se sempre mais o ser humano como um todo. As pessoas desejam ser tratadas, com dignidade e como gente e não simplesmente identificadas como doenças ou partes do corpo doente. Acredita-se que ambientes humanizados são fatores de saúde e cura. Os valores humanísticos, que até há pouco tempo simplesmente não eram considerados importantes, são retomados no cuidado em saúde.

### Reflexões finais

Finalizamos nossa reflexão lembrando Albert Einstein, que escreveu: *“A ciência sem religião é incompleta, a religião sem ciência é cega”*. Einstein tornou-se um crente no Deus criador impessoal: “Eu credito no deus de Spinoza, que se revelou na pacífica harmonia de que o que existe não é um Deus que se preocupa com fatos e ações dos seres humanos”. Como um dos maiores cientistas de todos os tempos, Einstein encontrou um caminho de acreditar em ambos, Deus e Ciência. É provável que ele não creditasse em um deus pessoal ou no Deus Bíblico, mas os fatos da ciência levaram-no a inevitável conclusão que ambos, Deus e ciência devem coexistir. O que podemos aprender a partir desta realidade? Certamente teremos que descobrir nosso caminho original e único, “descobrimo a noção do belo em relação ao mundo material, mas também como ser humano continuar a se encantar e explorar o que existe no nosso interior, exterior e para além de nós próprios” (Breitbart, 2005, p. 15).

De um período de fechamento e até hostilidade da medicina científica em relação à temática, fé/es-

piritualidade e cura, presenciamos hoje uma grande abertura, profunda inquietação e espírito de busca. Claro que a medicina moderna exige provas científicas. Nesta última década, pesquisadores realizaram muitos estudos tentando mensurar cientificamente os efeitos da fé e espiritualidade sobre a saúde humana. Perguntas cruciais são feitas e busca-se respostas nada fáceis: A religião pode ajudar na regressão de um câncer? Diminuir a depressão? Ajudar na recuperação de uma cirurgia mais rapidamente? A fé em Deus, pode afastar a morte que se avizinha? Até o momento, os resultados não são tão precisos, pois os estudos inevitavelmente vão de encontro à dificuldade de usar métodos científicos para responder questões de ordem fundamentalmente existenciais. Como medir o poder da oração?

Enfim, a discussão sobre a relação entre fé/espiritualidade/doença/cura/saúde não vai cessar tão cedo, acreditamos que apenas esteja se iniciando. A busca de entendimento científico prossegue, desde os laboratórios digitais sofisticados da neurobiologia que buscam “explorar Deus”, até o leito de muitos doentes crônicos que clamam por saúde e cura, invocando Deus sem exigir provas. Temos muitas perguntas, dúvidas e os resultados encontrados por este caminho são até certo ponto decepcionantes. Pergunta-se se este é o caminho correto de se encontrar respostas à questão fundamental de Deus e sua intervenção no mundo da vida humana. É uma discussão que envolve cientistas, pessoas que se definem como pesquisadores céticos, agnósticos, ateus e crentes piedosos.

Lembramos Santo Agostinho que dizia: *“se compreendes, não é Deus”*. Claro que não podemos abdicar da compreensão racional da realidade que nos cerca, valorizando o conhecimento científico e



muito menos devemos renunciar de “dar razões à nossa esperança”. Temos uma sabedoria plurimilenar que nos é legada pelas religiões no âmbito das diferentes culturas, enquanto o empreendimento científico, é ainda bastante jovem, tem pouco mais de cinco séculos. Existe muito ainda o que se descobrir. Nossa profunda convicção é que Deus não se deixa revelar como prisioneiro de circuitos digitais da inventividade científica, e muito menos no âmbito da razão humana orgulhosa de si. Se assim fosse estaríamos criando um deus à “nossa própria imagem e semelhança” antes que propriamente sermos “imagem e semelhança de Deus”.

Na perspectiva da fé cristã, temos a certeza e nutrimos a convicção de que Deus é amor, e onde existe amor aí está Deus, a vida se afirma e a saúde é uma realidade palpável. Mesmo na morte, existe vida! O investimento tem que ser feito no amor, desde o âmbito individual até o sócio-político, que adquire nome de justiça, equidade e solidariedade no âmbito dos povos. O amor é importante para a saúde humana. A descoberta de Deus se faz nesta direção e não existe evidência maior de Deus do que o amor.

Esta é uma área em que temos “múltiplas visões”. Estamos frente a um pluralismo de convicções e opções, perante o qual é neces-

sário respeitar. Não podemos mais absolutizar um conhecimento em detrimento de outro. Nenhum conhecimento em si esgota a realidade de nossas vidas e natureza como um todo. Certamente o conhecimento da racionalidade científica é importante, assim como outros tipos de conhecimento, tais como a música, a literatura, a cultura e as religiões. Querer captar todo o mistério de Deus nas malhas da razão não deixa de ser um ato de orgulho. Para finalizar e deixar como uma provocação, retomamos o que diz Píer Luigi Luisi, bioquímico italiano: “*O dilema sobre Deus não pode ser solucionado com lógica. Ou você tem fé ou você não tem*”.

## REFERÊNCIAS

- Begley S. Religion and the Brain. Newsweek 2001;41:38-41.
- Breitbart W. Espiritualidade e sentido nos cuidados paliativos. O Mundo da Saúde 2003; 27(1): 45-57.
- Breitbart W. Deus e a ciência: você pode acreditar nos dois? Revista Essencial 2005, ago-set: 13-15.
- Collins F S. A linguagem de Deus: um cientista apresenta evidências de que Ele existe. São Paulo: Gente; 2007.
- Cookson C. O instinto da fé. Folha de São Paulo. Caderno Mais 18 fev 2007; 8.
- Escobar H. Entrevista com Píer Luigi Luisi. A Ciência não pode explicar tudo. O Estado de São Paulo 25 jun 2006; A-28.
- Gleiser M. Conciliando Ciência e religião. Folha de São Paulo. Caderno Mais Ciência. 25 jun 2006; 9.
- Hardwig J. Questões espirituais no fim da vida: um convite à discussão. O Mundo da Saúde 2000 jul ago; 23 (4): 321-324
- Kalb C. God and Health. Is religion good medicine: why science is starting to believe? Newsweek 2003 nov; 40-46;
- Koenig, Harold G. et alii. Medicine and Religion. The New England Journal of Medicine 2000 nov; 343: 1339-1392.
- Pessini L. Espiritualidade e a arte de cuidar em saúde. In: Angerami-Camom V A. (Org.). Espiritualidade e prática clínica. São Paulo: Thomson; 2004. p. 39-84.
- Piza D. A Religião não explica a natureza. O Estado de São Paulo. Cultura 24 set 2006; p. D7. [entrevista com Daniel Dennett]
- Servan-Schreiber D. Curar...o stress, a ansiedade, a depressão sem medicamento nem psicanálise. São Paulo: Sá editora; 2004.
- Sloan R P, Bagiellae PT. Religion, spirituality, and medicine. Lancet 1999; 353: 664-667.
- Sloan RP et al. Should Physicians Prescribe Religious Activities? The New England Journal of Medicine, 2000 jun; 342 (22): 1913-1016.
- Sloan Wilson D. Há muita fé na ciência, Veja. 7 fev 2007; 85.
- Solomon RC. Espiritualidade para céticos: paixão, verdade cósmica e racionalidade no século XXI. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2003.
- Souza O. Como a Fé desemparou o jogo. Veja 7 fev. 2007; 79-85.
- Woodward K. Faith is more than a feeling. Newsweek 2001 may; 14 :41-42.

*Recebido em 22 de dezembro de 2006*

*Aprovado em 18 de janeiro de 2007*